



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## OS PRIMEIROS PASSOS DA IMPREENSA NEGRA RECIFENSE DO SÉCULO XX

Martha Rosa Figueira Queiroz<sup>1</sup>

Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros/Universidade Federal Rural de Pernambuco  
mrosaueiroz@gmail.com

Conforme o dicionário de política, o verbete *intelectuais* abarca dois sentidos: especialização ou competência em uma área científica, administrativa e/ou técnica; ou atuação destacada nos debates políticos (BOBBIO, MATTEUCEI, PASQUINO, s/d).

Em artigo sobre biografias de intelectuais negros(as), Viana e Gomes (2003) sinalizam concordância com a perspectiva de Bobbio ao alertar para as múltiplas possibilidades de identificação dos intelectuais. Para os autores,

o problema também não estaria somente em ver aqueles que participavam de organizações negras. Importantes intelectuais negros tinham atuações mais específicas fora do campo institucional. Também vários intelectuais negros – com destaque nas suas áreas – sequer participariam do debate sobre a questão racial. Portanto, torna-se necessária cautela para com as homogeneizações e/ou generalizações. (VIANA; GOMES, 2003, p.70).

Como profissionais e/ou militantes políticos, a participação de intelectuais negros(as) em espaços de produção de textos escritos no Brasil tem sido motivo de pesquisas. Com formação escolar ou não, inúmeros são os registros escritos deixados por pessoas negras, incluso o período escravista. A legislação que impedia e/ou dificultava o acesso da população negra à educação escolar, o escravismo e o racismo não foram suficientemente eficazes para impedir que pessoas e segmentos negros se expressassem pelas letras. Como legado escrito da população negra, destacamos a imprensa negra pela sua função organizativa e reivindicativa. (GOMES, 2005; BASTIDE, 1951; MOURA, 1988; FERRARA, 1986; PINTO, 2006; SOUZA, 2006). Neste sentido, o presente artigo objetiva evidenciar como ocorreram as investidas iniciais de militantes do Movimento Negro recifense na imprensa local – especificamente no jornal *Diário da Noite* por meio das Colunas “Umbanda” e “Movimento Negro” - e os desdobramentos desses empreendimentos na constituição do

---

<sup>1</sup> Doutora em História pela Universidade de Brasília.

primeiro jornal da imprensa negra recifense do século XX, o jornal *Angola. Nosso jornal de umbanda e candomblé*.

### **As primeiras letras**

A luta contra o racismo no Brasil data dos primórdios do sistema escravagista, isto se considerarmos as tantas e diferenciadas investidas da comunidade negra, escravizada, liberta ou livre, contra o escravismo e/ou o racismo. No entanto, para efeito didático é recomendável fazer algumas demarcações, explicitando, portanto, marcos temporais, espaciais e identitários do Movimento Negro/MN a qual nos referimos. O MN aqui abordado tem a década de 1970 como marco inaugural e se expressa por meio de diferentes instituições, em distintas áreas sociais e por meio de diferentes ações, sendo um fenômeno nacional (ANDREWS, 1998). Compondo, portanto, a retomada dos movimentos sociais no processo de abertura política.

No Recife, remonta a 20 de novembro de 1979 o primeiro grande evento público organizado por um grupo de pessoas que se autorreconheciam como parte do “Movimento Negro” (FERREIRA, 1981), por ocasião das comemorações pela Semana da Consciência Negra, ocorridas, naquele ano, no SESC de Santa Rita. Apesar de o grupo responsável pela organização do evento não possuir, à época, denominação própria, sua identidade como parte do Movimento Negro foi explicitada em matéria no Diário de Pernambuco daquela mesma data:

O movimento [refere-se ao lançamento do MNU nas escadarias do Teatro Municipal em São Paulo] nascido em São Paulo, foi aos poucos se alastrando pelo Brasil inteiro e há poucos mais de dez semanas, começou a surgir no Recife, através de um grupo de intelectuais negros pernambucanos [...]

Embora essa atividade figure como um passo importante na trajetória da comunidade negra recifense, não pretendemos identificá-la como o marco inaugural da luta contra o racismo na capital pernambucana, mas como um momento de retomada. Pois, na década de 1930 um grupo de intelectuais negros formado por Solano Trindade, José Vicente Lima, Gerson Monteiro de Lima, José Melo de Albuquerque e Miguel Barros (Barros, o mulato) fundou a Frente Negra Pernambucana (LIMA, 1987). No que se refere a produções escritas, além das obras poéticas de Solano Trindade, José Vicente Lima nos legou escritos sobre temas variados, infelizmente poucos publicados. Os

textos de Lima publicados, à época, pela imprensa local, ainda estão à espera de pesquisadores que lhes revelem a riqueza temática e o pioneirismo.<sup>2</sup> O mesmo se pode dizer do jornalista Paulo Viana, que já em 1969 realizava a Noite dos Tambores Silenciosos e utilizava a imprensa local para expor suas ideias sobre a cultura afro-brasileira.

### **Umbanda e Movimento Negro no Diário da Noite**

Um dos últimos jornais vespertinos a sair de circulação no Recife, o jornal *Diário da Noite/DN*, integrava o Sistema Jornal do Commercio de Comunicação e circulou até o ano de 1985. Neste periódico, marcado por um jornalismo popular, Edvaldo Ramos e Jorge Morais<sup>3</sup> foram responsáveis pela redação de duas colunas: *Umbanda e Movimento Negro*. Sobre essa experiência do Movimento Negro, utilizo-me como fonte de pesquisa o jornal *Diário da Noite* no período de dezembro de 1979 a junho de 1980.<sup>4</sup>

O Diário da Noite, que tinha um forte apelo popular, mantinha uma coluna intitulada *Culto e Fé*, por meio da qual, algumas vezes, divulgava-se algo sobre as religiões afro-brasileiras sob o subtítulo *Umbanda*. Os textos nem sempre eram assinados, porém quando isso acontecia a autoria cabia a Edvaldo Ramos. O conteúdo versava sobre roteiro e relatos de atividades afro-religiosas, características de orixás e temas correlatos como as línguas africanas e descrições das nações religiosas que constituem o candomblé no Brasil. Na capa da edição do dia 11 de janeiro de 1980 foi publicada uma chamada sobre a festa de aniversário do babalorixá Raminho de Oxossi, relatada no interior do jornal. A partir do dia 17 de janeiro de 1980 a coluna passou a ser intitulada “Umbanda” e editada próxima à coluna *Culto e Fé*. Desse modo, a dupla Edvaldo Ramos e Jorge Morais mostra-se pioneira em priorizar a temática afro-religiosa, ainda bastante incipiente em termos organizativos naquela fase de rearticulação negra. Apesar de ocupar lugar igualmente importante tanto na repressão quanto na resistência do povo negro (QUEIROZ, 1999), o aspecto religioso, que

---

<sup>2</sup> Em conversa com Gustavo Lima, filho de José Vicente Lima, tive acesso a muitos recortes de jornais com artigos publicados por José Vicente Lima, além de trabalhos sobre educação profissional, educação carcerária e religião afro-brasileira.

<sup>3</sup> (1951-2005).

<sup>4</sup> A pesquisa foi realizada no acervo do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

historicamente foi base organizativa na recente história do Movimento Negro brasileiro (pós 1970) só ganhou força – inclusive com constituição política, civil e jurídica – enquanto organizações de valorização, defesa e vivência cultural e política afro-brasileira a partir do final do século XX.<sup>5</sup> Uma coluna específica para a religião afro-brasileira em um jornal de circulação comercial reafirma a existência desses segmentos religiosos, divulgam seus cotidianos, principalmente seu potencial e caráter



Diário da Noite.  
23 de janeiro de 1980.

organizativo. Esse caráter identitário e afirmativo aclimatou o Jornal *Diário da Noite* e seus eleitores e eleitoras para uma coluna dedicada à mobilização antirracismo. Assim, no dia 19 de janeiro de 1980 começou a ser publicada a coluna “Movimento Negro”. Nesta primeira aparição, o texto compõe o Caderno *Jornal do Sábado* e transcreve dicas de leituras sugeridas pelo Movimento Negro do Rio de Janeiro; comunica a realização das reuniões do Movimento Negro recifense no Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco/DCE-UFPE, na rua do Hospício,

inclusive informa que lá “encontra todo mundo das lutas negras da cidade: terreiros, sambas etc.” (DN, 19/01/1980) e convoca o pessoal do Movimento Negro a enviar textos para a coluna. Esta primeira publicação não foi assinada. No dia 23 de janeiro de 1980, uma quarta-feira, a Coluna *Movimento Negro* foi publicada no mesmo espaço da coluna *Umbanda*, que não foi publicada naquele dia. Naquela data, a coluna traz a primeira parte de uma matéria sobre a Revolta dos Malês, ocorrida no século XIX na cidade de Salvador/Bahia. O texto é assinado por Jorge Moraes, que é “também radiologista e um estudioso das expressões culturais do negro, dentro e fora do Brasil. Participa, também, de trabalho de conscientização do Negro que vem sendo posto em prática no Recife” (DN, 23/01/1980). No dia 26 de janeiro, a coluna ganhou, juntamente com outras similares,<sup>6</sup> chamada na capa. A coluna, assinada por João

<sup>5</sup> Refiro-me ao processo de consolidação das casas religiosas (terreiros, centros de umbanda e afins) enquanto instituições civis, empreendedoras de atividades sociais, políticas e culturais. Pois, como referência de resistência política e cultural, a reverência às divindades africanas e afro-brasileiras sempre foi concebido pelo MN contemporâneo como parte da resistência cultural negra desde os primórdios do escravismo no Brasil.

<sup>6</sup> O *Diário da Noite* também mantinha uma coluna intitulada “Mundo Guei”, que era publicada no Caderno de Sábado. Apesar de estar na capa, o destaque maior foi para o Movimento Negro.

Bosco, relata a história do Movimento Negro no Recife a começar pelo Centro de Cultura Afro-Brasileira/CCAB, que segundo Bosco, “deixava de lado o problema político do homem de cor: sua discriminação e marginalização na sociedade brasileira” (DN, 26/01/1980).

Conforme nossas pesquisas, o CCAB foi (re)inaugurado por Edvaldo Ramos nos anos de 1980 em substituição à Frente Negra Pernambucana/FNP, cujas atividades foram encerradas pelo Estado Novo, como se depreende do trecho abaixo, extraído do discurso proferido por José Vicente Lima, um dos fundadores da FNP – e a quem cabe única e exclusivamente os esforços pela manutenção da entidade até a sua (re)inauguração – , por ocasião do cinquentenário da entidade, comemorado em 1986, no Teatro de Santa Isabel:

A Frente Negra Pernambucana, transformada no Centro da Cultura Afro-Brasileiro, se projetara juntos das outras Associações coirmãs de todo País. Se não construímos patrimônios materiais, construímos entretanto um patrimônio muito maior, - Patrimônio Cultural que legamos aos nossos sucessores. Ideal que nos animou nesses 50 anos que hoje aqui se comemora nesta brilhante APOTEOSE. (LIMA, 1987)

Quanto ao posicionamento político da FNP e/ou do CCAB, Viana e Gomes (2003) observam que “a definição de ‘político’ ou ‘cultural’ poderia ter vários significados naquela época [décadas 1940-50]” e do perigo de fazermos “ao invés de uma análise, um julgamento histórico. Analisando a história não como foi, mas sim como gostaríamos que tivesse sido.” (VIANA; GOMES, 2003, p. 74-75).

Ainda de acordo com o texto de Bosco publicado no *Diário da Noite*, os movimentos contemporâneos “discutem os problemas do país: sua economia, arte e política e situam o negro dentro disso tudo”, sem contudo, “ir a reboque de partidos políticos”. Logo após o referido Movimento ganhar as ruas em novembro de 1979, como já dito, iniciaram-se os debates em torno do estatuto a ser elaborado, o qual deveria

[...] definir muitas coisas para o movimento: seu nome, sua linha de atuação, sede e tudo mais, visando o crescimento do movimento, fazendo com que ele seja a voz do negro, um movimento sem racismo (pessoas brancas participam também), mas consciente de que sua luta deve ser feita em favor dessa classe profundamente explorada na sociedade brasileira. (DN, 26/01/1980).

Ao analisar o texto de Bosco, autor da matéria em destaque, percebemos que o momento era de grandes debates, daí o afloramento de tantos conflitos. Acompanhamos

as reuniões finais acerca do estatuto para o Centro de Cultura e Emancipação da Raça Negra/CECERNE. Realmente, eram discussões bastante acaloradas e ricas. Foi nossa primeira experiência junto a pessoas negras atuando politicamente, todas com discursos eloquentes em torno das teses defendidas, a exemplo de Inaldete Pinheiro de Andrade, Silvio Ferreira, Prof. Hilton, Ferreirinha, Paulo Viana, Jorge Morais, Wanda Chase, Margarida Barbosa, Laurinete Teles, Tereza França, Marco Pereira, Pedro Nepomuceno e muitos outros(as).

No dia 30 de janeiro de 1980, mais uma vez no jornal *Diário da Noite*, a coluna *Movimento Negro* ocupou o espaço da coluna *Umbanda*. Com foto de Jorge Morais, foi a segunda parte sobre a Revolta dos Malês e visava a “informar aos que desconhecem a efetiva participação do negro na nossa história” (DN, 30/01/1980).

A terceira parte desta matéria foi publicada no dia 31 de janeiro, também com assinatura de Jorge Morais. Em fevereiro de 1980, a coluna foi publicada durante quatro dias. O tom marcante foi a denúncia da existência de racismo no Brasil, a defesa da inexistência de raças inferiores e raças superiores, a crítica à inoperância da legislação frente aos casos de racismo, e a luta e a poesia de Solano Trindade. Os textos foram assinados por João Bosco Veloso, Newton Freire-Maia e Edvaldo Ramos. No mês de março, essa mesma coluna foi divulgada cinco vezes versando sempre sobre questões relativas ao racismo no Brasil e às atividades do Movimento Negro no Recife, porém sem autoria identificada. Este foi o último mês de publicação da coluna *Movimento Negro*, enquanto a coluna *Umbanda* perdurou até junho de 1980.

Conforme o editorial do Jornal *Angola* nº 4, de abril de 1989, a experiência no *Diário da Noite* “durou pouco tempo. Quando mudou a direção do Jornal e saiu a excelente equipe que possibilitou esta abertura (Ivan Mauricio, Paulo Cunha, Pancho e outros) perdemos este espaço”.<sup>7</sup> Ainda conforme o *Angola*, a razão para a vida efêmera da coluna *Movimento Negro* está no preconceito, pois foram “... as forças declaradas do preconceito e do poder econômico, [que] fizeram parar logo nos seus primeiros anos de atividade” (*Angola*, nº 6).

A passagem pelo *Diário da Noite* foi a primeira experiência jornalística do Movimento Negro recifense ocupando espaço em um jornal de circulação comercial, o

---

<sup>7</sup> Jornal *Angola* nº 4, de abril de 1989, p. 1. Acompanhamos o expediente do *Diário da Noite* e verificamos que a partir de 15 de abril de 1980, Ivan Mauricio e Paulo Cunha não figuram como chefe de redação e secretário de redação, respectivamente.

que estimulou a dupla Jorge Morais e Edvaldo Ramos a fundar, em 1981, o *Jornal Angola*.

Ao analisar os textos das duas colunas é possível perceber a valorização das religiões afro-brasileiras e outras questões que marcaram o processo de construção dos discursos do Movimento Negro recifense, como a ênfase na importância da formação teórica com a indicação de leituras de textos sobre temas da história do negro, bem como o destaque para os processos de organização do povo negro, com ênfase para o desenvolvimento do Movimento Negro local do início dos anos 1980. Esse corolário temático estará presente na pauta do *Jornal Angola*.

### **ANGOLA. Nosso jornal de umbanda e candomblé**

O primeiro jornal da imprensa negra recifense do século XX foi o *Angola*. Quando a imprensa ainda não tinha se constituído na cidade como expressão da militância negra como um todo, o jornal *Angola* já expressava um segmento específico: a atuação focada nas questões vinculadas ao universo religioso de origem africana e afro-brasileira, daí o subtítulo: “*nosso jornal de umbanda e candomblé*”. Além da especificidade da temática religiosa, o jornal apresentava na seção *Expediente* algumas curiosidades. No Expediente do número inaugural, maio de 1981, o jornal era assim identificado: “*Angola. Um boletim da Boca do Povo Serviços Ltda – Praça Coronel João Lapa, 94 – Varadouro - Olinda- CEP 53.000 Conselho Editorial: Edvaldo Ramos e Jorge Morais.*” O Expediente da edição que foi às ruas nos meses de outubro e novembro de 1986<sup>8</sup>, portanto, cinco anos após a circulação do primeiro número, a “*Boca do Povo Serviços Ltda*” não foi citada.<sup>9</sup> A seção era composta apenas pelos nomes dos editores responsáveis, Edvaldo Ramos e Jorge de Morais, e trazia como endereço a rua do Riachuelo, 105 - 10º andar - sala 1017, logradouro conhecido da comunidade negra por ser o escritório do Advogado Edvaldo Ramos até os dias atuais. É no Expediente do número 4 de abril de 1989 que o *Angola* aparece como “*um informativo do Centro de Cultura Afro-Brasileira*”\CCAB.

<sup>8</sup> Essa edição não tem numeração.

<sup>9</sup> Vale registrar que a coluna Umbanda era publicada no *Diário da Noite* na página 4, ao lado de uma coluna intitulada “*Boca do Povo*” e no rodapé desta página havia a seguinte informação para os leitores: “Esta é a sua seção no jornal. Telefone (...). Ou escreva para BOCA DO POVO, *Diário da Noite* (...).”

Será, portanto, essa identificação que marcará o *Angola*: um boletim do CCAB, tendo Edvaldo Ramos e Jorge Morais como editores e a sala 1017 do Edifício Círculo Católico, situado na rua do Riachuelo, 105 como referência geográfica. Mas, o *Angola* não se resume ao seu expediente, apesar desse falar muito do Jornal, e do próprio Movimento Negro. Isso porque Edvaldo Ramos e Jorge Morais são pessoas que transitaram em quase todos os espaços sociais, sempre com a bandeira da luta contra o racismo, e o CCAB é a mais antiga entidade negra em funcionamento. Na citada matéria jornalística publicada pelo Diário de Pernambuco em novembro de 1979, Jorge Morais e Edvaldo Ramos figuram dentre os nomes que compunham o então nascente Movimento Negro na cidade. Além da atuação no *Diário da Noite*, a dupla também contribuiu com o carnaval de 1981 da Escola de Samba Limonil. Pois, naquele ano o Movimento Negro do Recife/MNR foi convidado a colaborar com a Escola Limonil, que apresentou como tema do seu enredo carnavalesco ‘louvação aos orixás’, concebido por Edvaldo Ramos.<sup>10</sup> Jorge Morais, à época integrante do MNR, estudioso e praticante do candomblé foi o responsável pela pesquisa que subsidiou o samba-enredo e todo o desfile da escola, como se depreende do trecho abaixo:

O samba-enredo da Escola de Samba Limonil, este ano, é baseado em pesquisas de **Jorge de Morais**, tema de **Edvaldo Ramos**, composição de Hosanah Baiano e Rosano Carvalho, interpretação (defendendo o concurso) Belo Xis, puxador Boneco de Mola, cavaco, Nado e cuíca Wilson. Coral: Sandro, Vado, Elias, Naurinha, Guino, Janete e Lili e, bateria do conjunto de Samba de Limonil.<sup>11</sup>

Jorge Morais, homem com vasto conhecimento em diversas áreas, era biomédico formado pela Universidade Federal de Pernambuco/UFPE, porém se notabilizou pelos seus conhecimentos na área da religiosidade afro-brasileira, sendo autor de um livro sobre processos divinatórios africanos.<sup>12</sup> O recifense participou ativamente do processo de fundação dos primeiros afoxés em Pernambuco, sendo o primeiro presidente do Afoxé Alafin Oyó, fundado em 1986, além de ter sido militante do Movimento Negro do Recife, do Movimento Negro Unificado\PE e membro do Terreiro de Tata Raminho de Oxosse em Olinda e do Ilê Axé Opô Afonjá, em Salvador (QUEIROZ, 2010).

<sup>10</sup> Inaldete Pinheiro, em entrevista concedida, confirma o convite feito ao MNR e que ela e outros membros da instituição participaram de reuniões na Limonil.

<sup>11</sup> Jornal do Commercio. 11/02/81. Grifos nossos.

<sup>12</sup> BARBOSA, Jorge de Morais. *Obi. Oráculos e oferendas*. Recife, 1993. Realização: Djumbay – Organização pelo Desenvolvimento da Comunidade Negra.

Edvaldo Ramos também tem atuação em diversas áreas: Advogado, procurador público do INSS, sócio benemérito de algumas agremiações carnavalescas do Recife, ex-presidente da União das Escolas de Samba de Pernambuco, ex-presidente do Conselho Municipal de Cultura, colaborador da Noite dos Tambores Silenciosos, juntamente com Paulo Viana. Atualmente é coordenador do Baile Perfumado.<sup>13</sup>

Portanto, a militância política negra, o carnaval e os meios afro-religiosos conhecem bem esses dois nomes. Com essas informações biográficas dos editores, fica compreensível o foco do *Angola* nas questões relativas ao universo litúrgico afro-brasileiro.

O *Angola* possuía quatro páginas, em preto e branco e impresso em *offset*. Com exceção da edição especial de 2007 que saiu em formato A3 e duas páginas, as demais edições tinham formato A4. Isso garantiu ao *jornal* uma identidade visual bastante sólida. Além do editorial e das publicidades, o periódico trazia uma seção intitulada *Adarrum*, mediante a qual se noticiavam eventos sociais e religiosos, e artigos sobre aspectos gerais da religiosidade. O *Angola* tratou com muita flexibilidade seu projeto editorial, assim os informes figuram em três colunas: *Adarrum*, *Candomblé é notícia* (1986) e *Roteiro* (n. 5, 1989).

Embora não tenhamos informação precisa sobre o número total de edições publicadas pelo *Angola*, mas tendo por fundamento entrevistas realizadas e pesquisas em acervos pessoais e institucionais, as edições analisadas assim distribuídas: uma edição em 1981, uma em 1986, quatro em 1989 e uma em 2007 (edição especial), formam um conjunto bastante representativo, satisfazendo a contento o nosso objetivo.

O editorial é mais uma das particularidades do *Angola*. Ele só aparece a partir da edição de 1986 e sem assinatura, porém com o título “AXÊ”. Do número 4 ao número 7, o editorial vem sem título próprio, apenas com a identificação “Editorial” e assinado por Jorge de Moraes<sup>14</sup>, que sempre o encerrava com a saudação “Axé”. Tanto a palavra “Axé” – na língua yorubá, força vital – quanto o nome do jornal “Angola”, são marcas do vínculo dos seus editores com o universo discursivo do Movimento Negro no que se refere à valorização e deferência ao continente africano mediante uso de termos de línguas africanas, visando, com isso, por meio da linguagem, demarcar uma identidade negra.

---

<sup>13</sup> Entrevista realizada em 22 de outubro de 2007.

<sup>14</sup> Nos números 4 e 5, a grafia é Jorge Moraes. Nos números 6 e 7, consta Jorge de Moraes.

O Editorial possibilita acessar a história do próprio jornal. O primeiro indica o objetivo de o jornal ser “um meio para divulgarmos nossa gente, festas e notícias”; o público ao qual o jornal se destina: “juntem-se a nós, Federações e Centros de Umbanda e Candomblé”; e o posicionamento político: “Este é um informativo do qual seremos diretores, assinantes, conselheiros, redatores e, principalmente, responsáveis pela difusão das boas coisas da nossa seita religiosa.” O editorial de 1986 indica como surgiu o *Angola*:

...tudo começou quando um grupo de jovens, amantes da cultura afro-brasileira, teve a oportunidade de realizar uma gratificante experiência: abrir espaço num jornal vespertino da cidade a tudo que fosse ligado ao candomblé, umbanda e outras manifestações da nossa religiosidade popular. (Nov, 1986)

Segundo o mesmo editorial, o “jornal teve o seu início no ano de 1981 [e] representa um trabalho do jornalista e ADVOGADO Edvaldo Ramos” e seus apoiadores, dentre eles Jorge Morais e Ivan Mauricio Monteiro. Naquele ano, 1986, Ramos foi candidato a Deputado Estadual pelo Partido Socialista Brasileiro/PSB e as páginas do jornal registraram o apoio de muitas personalidades, como o candidato a Deputado Estadual José Carlos Guerra e a religiosa e carnavalesca Badia: “BADIA A MAIS FAMOSA YALORIXÁ DO PÁTIO DO TERÇO, APOIA EDVALDO RAMOS PARA DEPUTADO ESTADUAL.” (Angola, out/nov 1986, p.4) e o Babalorixá Raminho de Oxóssi: “O TATA RAMINHO DE OXOSSE VOTA E RECOMENDA A TODOS OS SEUS FIEIS NA SEITA, EDVALDO RAMOS PARA DEPUTADO ESTADUAL.” (Angola, out/nov,1986, p.2). Agremiações carnavalescas realizaram atividades em homenagem ao candidato Edvaldo Ramos. Como se depreende do trecho abaixo:

A UNIÃO ESPIRITISTA DE UMBANDA DE PERNAMBUCO, à frente o seu presidente VALDECI SILVA, convida à todos os seus filiados para uma reunião especial no próximo domingo , dia 09 de novembro na rua Moçambique, n. 60, Mustardinha nos Salões do Clube Lenhadores, quando será efetivado o apoio da comunidade umbandista e demais cultos africanos ao nosso irmão de Fé, Dr. EDVALDO RAMOS, candidato a Deputado Estadual(n. 40166), para defender os interesses das casas de Santo de Pernambuco, e os nossos irmãos abandonados.<sup>15</sup>

Além das declarações explícitas de apoio, algumas agremiações carnavalescas realizaram atividades em homenagem ao candidato. No Recife, foram poucas as experiências de integrantes do Movimento Negro no processo eleitoral ao parlamento.

---

<sup>15</sup> Angola, ano VI, out/nov de 1986, p.3 Os destaques de **todas** as citações são dos textos originais

Imperou a postura de apoio individual em detrimento do apoio institucional a uma candidatura. Mesmo os apoios individuais nem sempre eram divulgados, a sugerir que segmentos do Movimento Negro só vieram a público, após a experiência de Edvaldo Ramos, na campanha de Júnior Afro.<sup>16</sup> Portanto, foram necessários 22 anos para que personalidades ligadas ao universo afro-pernambucano externassem seu apoio a um candidato oriundo do Movimento Negro, o que evidencia mais um pioneirismo do advogado Edvaldo Ramos e, por conseguinte, do jornal *Angola*, que não se furtou de marcar suas páginas com apoio declarado ao seu fundador e membro do conselho editorial.

Ainda ressaltando suas especificidades, destacamos a relação desse jornal com os patrocinadores. O Jornal *Angola* foi apoiado por órgãos comerciais, como lojas de artigos afro-religiosos, aliança não encontrada nos jornais do Movimento Negro Unificado-PE (*Negritude*) e do Afoxé Alafin Oyó (*Negração*). Além do apoio desse setor, o jornal registra o de parlamentares e de um órgão público.<sup>17</sup> Pela inconstância dos apoios, periodicidade irregular e queixas quanto à falta de recursos para manutenção, fica nítido que o *Angola* vivenciou as mesmas dificuldades das empreitadas contra o racismo em geral, e da imprensa em particular. O apoio se deu de forma pontual por parlamentares de partidos distintos e pelo órgão público, o que nos leva a concluir que tais apoios são creditados mais a uma articulação pessoal dos editores do jornal do que a uma aliança partidária ou a uma política pública voltada para o combate ao racismo. A comunidade negra (e o *Angola* é um bom exemplo) tem vasta experiência em ter suas reivindicações atendidas em função de articulação pessoal, dependendo, portanto, da intitulada sensibilidade do gestor público, parlamentar ou qualquer outro detentor do poder no momento. Foi assim na publicação das colunas “Umbanda” e “Movimento Negro” no *Diário da Noite* no ano de 1980 que teve o jornalista Ivan Mauricio como importante aliado. Em relação ao *Angola*, foi apoiado pelo Sindicato dos Estivadores no Estado de Pernambuco e pelo Sindicato dos Bancários de Pernambuco, registradas no nº 6, junho de 1989. Esses sindicatos eram

---

<sup>16</sup> Lindivaldo Leite Júnior, Júnior Afro, ex-militante do MNU-PE, primeiro coordenador do Núcleo da Cultura Afro-brasileira da Prefeitura da Cidade do Recife, historiador e carnavalesco. Candidatou-se pela primeira vez em 2008 a vereador pelo Partido dos Trabalhadores e recebeu declarações públicas de apoio de instituições e personalidades ligadas ao Movimento Negro.

<sup>17</sup> Mais especificamente: *A Brasileira* (tecidos e complementos), *Casa Preto Velho Ltda* (artigos de umbanda e candomblé); Itamar Fotos, Livro 7. Parlamentares: vereadora Geralda Farias e candidato a deputado constituinte José Carlos Guerra. Órgão público: Secretaria de Indústria, Comércio e Turismo da Prefeitura da Cidade do Recife.

presididos, à época, por Adeildo Paraíso da Silva (Ivo de Xambá), do Terreiro de Xambá e por Marcos Antonio Pereira, militante do MNU-PE, respectivamente. Essa situação de descompromisso do Estado e das instituições foi motivo de reclamações no editorial da 7ª edição, julho de 1989, quando a equipe do *Angola* esteve envolvida, via INTECAB<sup>18</sup> - na realização do I Encontro Estadual da Tradição dos Orixás\I EETO. Segundo o referido editorial:

Dificuldades, é tudo que nós encontramos para promover a cultura negra no Brasil. Quando é para apresentar as manifestações culturais negras como atração folclórica, não tem problemas, mas, quando queremos mostrar que a cultura negra é coisa séria, aí começa: vem o puxa-encolhe das instituições governamentais tipo: deixe o seu telefone que ligamos depois, o doutor fulano ainda não despachou, o doutor sicrano está viajando, e por aí afora.

O I EETO foi realizado no período de 4 a 6 de agosto de 1989 e foi importante, também, para o *Angola*, pois, no período de abril a julho de 1989 saíram quatro edições do periódico, todas elas trazendo chamada para o evento, inclusive constando a programação do mesmo, que ocorreu no Centro de Convenções do Recife. O envolvimento do *Angola* com o I EETO se justifica pela vinculação dos editores com o INTECAB, órgão promotor do evento, e pelo fato de que o *Angola* não ter se afastado de sua temática central que coincidia com a do encontro. Daí ser a temática afroreligiosa conteúdo de todos os artigos publicados e de quase todos os informes divulgados nas seções para este fim, seja o *Adarrum*, o *Roteiro* ou o *Candomblé é notícia*. Os artigos descrevem características de alguns Orixás, histórias de terreiros do Recife e outras questões, sempre vinculadas ao universo religioso. As notas informativas tratavam, quase todas, da divulgação de atividades religiosas. Os informes revelavam que o *Angola* mantinha articulações não apenas com cidades do interior de Pernambuco (Caruaru, Capoeiras, Floresta, Vitória de Santo Antão, Arcoverde e outras), como, também, de outros estados, a exemplo de Florianópolis/SC. Todavia, o foco no religioso não impediu que os editores do *Angola* noticiassem as ações da luta contra o racismo na capital pernambucana; as apresentações, no Teatro de Santa Isabel, do Bacnaré – Balé de Cultura Negra do Recife e a turnê pela Europa; a formatura em Direito de Edvaldo Ramos; as atividades do Afoxé Alafin Oyó; as reuniões do MNU; o

---

<sup>18</sup> INTECAB – Instituto Nacional de Tradições Afro-Brasileiras.

apoio de Malu, presidente do Grupo Afro Axé da Lua, na distribuição do *Angola* nos terreiros de Olinda e a turnê do Maracatu Porto Rico na Europa.

Portanto, o *Angola* cumpriu seus objetivos, sintetizados na edição n.º 5:

Mais felizes ficamos ainda, em saber que estamos preenchendo uma lacuna na área de informações dirigidas para essa comunidade tão carente de notícias para e sobre ela. Nos grandes jornais, televisões, rádios e outros meios informativos o noticiário sobre instituições e pessoas ligadas a religião afro-brasileira, sai sempre de maneira pejorativa, quando não, no noticiário policial. Dificilmente, e em raras ocasiões, são procurados os legítimos representantes dessa religião, que sempre foi e continua sendo tão perseguida, para esclarecimentos públicos sobre matéria tão relevante para nós integrantes da comunidade religiosa afro pernambucana. Por isso, esse nosso informativo, NOSSO mesmo, está aqui de volta, para publicar notícias, entrevistas e outras matérias de interesse dos nossos irmãos e irmãs, Babalorixás e Iyalorixás, praticantes, simpatizantes e estudiosos da nossa religião.

Igual postura foi mantida ao longo dos 26 anos do jornal, que publicou em 2007 uma edição especial, em virtude da homenagem prestada pela Câmara Municipal do Recife, proposta pelo vereador Vicente André Gomes, do PC do B, com vasta lista de apoio às ações do Movimento Negro na capital pernambucana, ao advogado Edvaldo Ramos e à enfermeira Inaldete Pinheiro de Andrade, ambos fundadores do Movimento Negro no Recife. A homenagem constou de concessão da mais importante comenda do legislativo municipal recifense – a medalha José Maria – ao advogado; e do título de cidadã recifense à enfermeira, natural de Parnamirim/RN. Assim, os homenageados e o vereador autor da proposta, considerados fundamentais na luta contra o racismo na capital pernambucana, tiveram suas biografias publicadas nessa edição especial do *Angola*, sendo possível verificar que essas biografias e a(s) história(s) do Movimento Negro recifense se cruzam, destacando-se o *Angola* como um lócus dessa e de tantas outras encruzilhadas. Pois pelas páginas desse jornal, encontramos o MN atuando, com distintas táticas e posicionamentos, no carnaval, na religiosidade, nos sindicatos e nos partidos.

### **Letras conclusivas**

O jornal “*O HOMEM: Realidade Constitucional ou Dissolução Social*” foi publicado no Recife no ano de 1876 (PINTO, 2006). De lá até o primeiro jornal

identificado como imprensa negra passaram-se mais de cem anos: o primeiro número do jornal *Angola* saiu no ano de 1981. Porém, a ausência de jornais próprios não significou o total recolhimento dos anseios de intelectuais negros(as) em expressar seus discursos e divulgar a temática racial e as ações de valorização cultural e da luta antirracismo. Os artigos de José Vicente Lima na década de 1930 e os de Paulo Viana na década de 1960 são registros que confirmam a latência discursiva dentre os segmentos negros recifenses. A experiência no jornal *Diario da Noite*, por meio de duas colunas (Umbanda e Movimento Negro), funcionou como laboratório, principalmente, de articulação política de integrantes do Movimento Negro recifense, à medida que adentrar um jornal de circulação comercial com colunas específicas só foi possível pela consolidação de importantes alianças na mídia. Também fortaleceu seus editores para a próxima investida: lançar um periódico no qual todas as colunas fossem dedicadas à temática afro-brasileira. Assim nasceu o *Angola*, fruto da movimentação de dois militantes do Movimento Negro recifense, que em harmonia com seu tempo – de atuação generalista – mobilizaram-se em distintos espaços sociais. Jorge Morais e Edvaldo Ramos foram responsáveis pelas colunas do *Diario da Noite*, editaram o *Angola*, além de atuarem nos campos carnavalesco e religioso, transitando intensamente, portanto, no universo político-cultural negro do Recife. Graças às ações de ambos no campo da imprensa, foram registradas histórias de mulheres e homens negros que como eles merecem mais espaços nas pesquisas historiográficas.

*Em memória de Jorge Morais (1951-2005).*

## REFERÊNCIAS

### Periódicos

Diario de Pernambuco. 20/11/1979.

Jornal do Commercio. 11/02/81.

Diario da Noite – Dezembro/1979 a Junho/1980

Jornal Angola. 1981 a 2007.

### Entrevistas

Edvaldo Ramos

Inaldete Pinheiro de Andrade

### Bibliografia

ANDREWS, George Reid. **Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)**. São Paulo: Edusc, 1998.

BARBOSA, Jorge de Moraes. **Obi**. Oráculos e oferendas. Recife, 1993. Realização: Djumbay – Organização pelo Desenvolvimento da Comunidade Negra.

BASTIDE, Roger. A imprensa negra do estado de São Paulo. In: BASTIDE, Roger. **O Negro na Imprensa e na Literatura**. Série Jornalismo. São Paulo: USP/ECA, 1972.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. Brasília Editora UnB; São Paulo: Imprensa oficial de São Paulo: S/D, cd-room.

FERRARA, Miriam Nicolau. **A imprensa negra paulista (1915-1963)**. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.

FERREIRA, Sylvio José B. R. **A questão racial negra em Pernambuco: a necessidade e os impasses de uma ação política organizada**. Trabalho apresentado no V Encontro Anual da ANPOCS. Friburgo, outubro/1981. (datilografado)

GOMES, Flávio. **Negros e política (1888-1937)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.  
GONZALEZ, Leila. Movimento Negro na Última Década. In: GONZALEZ, Leila e HASENBALG, Carlos (org). **Lugar de Negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

LIMA, Gustavo; RAMOS, Edvaldo. Um vanguardista da consciência negra. **Revista Continente**. Ano VIII, nº 87, março/2008.

LIMA, José Vicente Lima. **Divulgação do Cinquentenário do Centro de Cultura Afro-Brasileiro**. Recife: 1987, p.s/n.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Ática, 1998.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. **De pela escura e tinta preta - a imprensa negra do século XIX (1833-1899)**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade de Brasília: 2006.

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Onde cultura é política: Movimento Negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995)**. Tese de Doutorado (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

\_\_\_\_\_. **Religiões afro-brasileiras no Recife: intelectuais, policiais e repressão**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1999.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

VIANA, Elizabeth; GOMES, Flávio. Personagens, história intelectual e relações raciais no Brasil: notas sobre pesquisas biográficas. In: BARBOSA, Lucia Maria de Assunção; SILVA, Petronilha B. G. e; SILVÉRIO, Valter Roberto (orgs.). **De preto a afro-descendente: trajetórias de pesquisa sobre o negro, cultura negra e relações étnico-raciais no Brasil**. São Paulo: EdUFSCar, 2003.

